

ULTIMA HORA

17 / 8 / 84

SUGAR PRESS

● O Royzinho tá sabendo que uma das frases da **Marcha da Quarta-feira de Cinzas**, que Carlinhos Lyra compôs em parceria com Vinicius de Moraes, foi escolhida pelo apelido do **show** que Carlinhos Lyra intrujará nos dias 19 e 20 vindantes, em São Paulo, no **Teatro Célia Helena**, no bairro da Liberdade. Em "E No Entanto é Preciso Cantar..." o

compositor e cantante Carlos Lyra vai interpretar algumas de suas mais queridas criações como, entre outras:

Minha Namorada, Também Quem Mandou, Maria do Maranhão, Feio, Não é Bonito, Velhos Tempos e Influência do Jazz. Tá um recado supimpa que a moçada de São Paulo vai curtir adoidado. Falei.

ROY SUGAR

Vinicius

Música Popular

CANÇÃO LATINA ENTRE A FAMA E A FOME

Task de Souza

DA mesma forma que a música brasileira afamada no exterior nem sempre representa nosso dia-a-dia sonoro (Sérgio Mendes e Eumir Deodato comprovam isso), a verdadeira música latina é pouco conhecida no Brasil. Talvez há uns dois anos, no máximo, a *latinidad* de que hoje tanto se fala pudesse ser resumida a uma dúzia de nomes repetitivos por décadas.

Dessa lista constaria, sem a menor dúvida, o dentista chileno Lucho Gatica, 48 anos, coroado há 20 com o título de "A Voz Romântica da América". Marcante pelo uso do falsete de incrível precisão técnica (vide *La Barca*), Luis Enrique Gatica Silva, apareceu, já consagrado, no longínquo ano de 1952, cantando *Sinceridad*. A partir daí formaria um repertório extremamente apreciado no Brasil (*Sabra Dios, Contigo en la Distancia, Sabor a Mi, El Reloj*), tantas as excursões e vi-

senhor não poderia gravar novidades para serem verdadeiras ao português? Há grande carência de canções sertanejas no mercado". Segundo a mesma reverente dupla, Mejia, com seu indelével estilo *marachi*, era o responsável pela união do movimento sertanejo do país, o traço de ligação, o esperanto capaz de explicar o sucesso constante da dupla Pedro Bento e Zé da Estrada, por exemplo. Nos últimos anos, porém, essa influência estrangeira vem sendo trocada por outra, o *rock*, que está por trás do êxito de Sérgio "Menino da Porteira" Reis e dos *bang-bangs* de Léo Canhoto e Robertinho. Em seu LP, Aceves Mejia vai pouco além dos clássicos mexicanos (*Cu cu rru cu cu Paloma, La Malaguena, Vaya con Dios*). Há uma ou outra canção de sabor folclórico, porque o cantor de vasto chapéu, poncho e imutáveis trinado casados aos lamentosos pistons *mariaohi* não perdoa arestas

Hertz e Mann e o incomparável Miles Davis. Sua canção tem sido pontilhada de vacilos, no entanto. Formou o grupo *Return to Forever*, aguçado de Airto Moreira e Flora Purim, mas depois mergulhou num racionalismo eletrônico, seguindo de fases de volta ao som acústico. O álbum duplo *My Spanish Heart* (Polydor/Phonogram) editado há pouco tempo no Brasil tem Chick assumindo o ostentativo e bem humorado (como na engraçada sequência de fotos da capa interna) sua *latinidad*. Com ele, uma armada respeitável de cobras chamado *jazz-latin-rock*: Stanley Clarke (bateria), Don Alias (percussão), Narada Michael Malden (percussão), Jean Luc Ponty (violino). O próprio Chick toca sete diferentes espécies de teclados e mais palmas e bater

dante do lançamento do segundo LP brasileiro do vigoroso compositor catalão Joan Manuel Serrat? E mais, o LP (*Ariola/RCA*) é dedicado ao proscrito e agudo poeta Antônio Machado, de quem são quase todas as letras. Cantor veemente, Serrat não é iniciante. Para se ter uma idéia do nosso descompasso em relação à música latina, ele já em 1969 era fenômeno de massas na Espanha e América espanhola, como documenta o livro a seu respeito escrito por Manuel Vázquez Montalbán (*Edição da Paisagem Literária, Porto, Portugal*). Incluído até mesmo no repertório comercialíssimo de Marisol (*Tu Nombre me Sabe a Hierba*), Joan Manuel Serrat com o êxito *Adeu, Adeu, Amor Meu I Sort*, fez circular na linguagem da juventude de Buenos Aires a expressão catalã *adeu*, mais próxima do brasileiro *adeus* do que do castelhano *adiós*. Influenciado por outros tro-

Larraide, acompanha-se de seu solitário violão de seis cordas percutidas com fragor, enquanto recita as valentias naturais a seu estilo (*Hombre, Milonga Pa' Don Segundo, Macho*). Já Los Cantores de Cuyo (*De Mi Cuyo, Music Hall/CID*) variam da cueca (*Llegando a Cuyo, Tutuy que Quema*) à polca crioula (*La Querendona*), sem esquecer o gênero *zamba*, que apesar da proximidade semântica é dolente e chorado, repleto de rendilhados ao violão, e não se aproxima do nosso samba.

Los Cantores del Alba, conjunto folclórico *saiteno*, em seu LP de estréia no mercado brasileiro, pela mesma Music Hall/CID, apresenta uma batida latina mais conhecida pelo sucesso e proliferação, especialmente em São Paulo, do grupo Tarancon e seus influenciados. A música dos argentinos de Salta, Cantores del Alba (Guillermo Vaca, Tomás Campos, Javier Pantaleón e Al-



agens que o fizeram ancorar no Golden Room do Copacabana Palace. Em sua mais recente reaparição, em maio passado, Gatica fez uma série de *shows* em São Paulo e, em Brasília, apresentou-se, sintomaticamente, para um grupo de diplomatas latino-americanos. Negociou um LP com a Continental (*Lucho Gatica*, gravado na Califórnia, no qual as novidades são *Apelo* (de Baden e Vinicius), cantado em português, e a folclórica *Dos Almas*, tornada bolero. A mais importante inovação, se é que se pode chamá-la assim, é no entanto a definitiva substituição do antigo acompanhamento acústico do bolero pela batida da balada, marcada por guitarra, baixo elétrico, sintetizador e percussão. O ouvinte quase não perceberá a mudança (embora também assinem arranjos o competente brasileiro Oscar Castro Neves, não por acaso da corte de Sérgio Mendes). Ela apenas acompanha a estandardização do mercado: os ritmos caminham para uma inevitável uniformização ao nível do consumo. Basta ouvir o *sambão-jôia* aqui mesmo, dentro do Brasil, para sentir isso.

Num pólo quase oposto — para uma plateia bem diferente — *latinidad* significou (e ainda é, como cantam Os Saltimbancos) Miguel Aceves Mejia. Igualmente baseado no México, como Gatica, mas porque nasceu lá, Mejia foi muito exportado via comportados programas de TV, tipo Perry Como. Acompanha-o inseparavelmente a orquestra-família de 10 músicos Los Hermanos Zavalas, que há 18 anos como ele excursiona pelo mundo (mais de 80 temporadas na Noruega, Suécia, Alemanha, Bélgica, Holanda, Itália, Israel, América Latina etc, etc). Estiveram este ano em São Paulo, onde apresentaram no Palácio das Convenções do Anhembi, sua *Noite Mexicana*, agora lançada em disco, gravado em estúdio para a RCA. A importância de Mejia, porém, não é dada por esse bissexto público de luxo que o contempla como a uma espécie em extinção. Ainda em 70, numa de suas periódicas vindas ao Brasil, o mexicano foi recebido com um humilde apelo da dupla sertaneja Tibagi e Miltonho: "O

criativas. Reduz tudo a uma linear pasta sonora, pronta a ser devorada, seja pela classe média urbana ou pelos caipiras.

Outra face nossa conhecida da *latinidad* chega via Estados Unidos. Robusta e quase sempre farta é a influência desenvolvida da matriz, reembaçada para presente, não importa se proveitoso ou não. No caso de Carlos Santana, mexicano radicado nos EUA, ela tem sido uma troca interessante. Sem contar a pura e simples inclusão de músicos e músicas brasileiros em sua banda, que já se apresentou duas vezes aqui, há o fato de que Santana é um excelente instrumentista, como o demonstra mais uma vez em seu recente LP *Festival* (CBS). Sua mistura de molhos roqueiros e latinos, de público certo na colônia chicana dos EUA, inclui cada vez mais ingredientes brasileiros, como os das faixas *Carnaval* e *Verão Vermelho*. Um procedimento que, embora nos seja favorável, demonstra antes de mais nada o enfraquecimento da fórmula que revelou Santana ao circuito do *rock*, no explosivo festival de Woodstock, em 69.

TAMBÉM de ascensão latina, Mongo Santamaria (LP *Sofrito*, RCA) coloca-se num meio-termo entre o *soul* e o *jazz* latinos. Ken Hyde, crítico do jornal inglês *Melody Maker* define-o com exemplar precisão: "Afro-Cuban James Brown Band". Para acentuar a idéia de mistura musical, Santamaria não resiste em colocar pratos de comida em close, na capa de seus discos: *Sofrito* tem uma saborosa e colorida salada picadina de pimentão, tomate, cebola, salsa, laranja, pimenta etc. A bem timbrada confusão de metais e ritmo resultante também oscila de sabor. Ora mais carregada no bolero ("Five On The Colour Side"), ora no afro (*O Mi Shanggo*) ora no *jazz-soul* (*Secret Admirer*).

Descendente precisamente do grupo de Mongo Santamaria, Chick (Armando Anthony) Corea, hoje com 36 anos, ultrapassou seu primeiro mestre para alinhar-se com os seguintes: Willie Bobo,

de pés, acentuando o ritmo latino, mais puxado ao flamenco, variado e rico do álbum. Talvez porque já comece a cantar o som acrílico dos sintetizadores, os melhores momentos do astro do disco são ao piano acústico.

E, como eu dizia em matéria anterior (*Conecha os Latinos, em Vez de Imitá-los*), a moda do poncho, do rapaz latino-americano, nos possibilitou ir além dessa *latinidad* exportada. E' possível através dos discos já lançados fazer um mergulho de razoável profundidade mesmo na música latina de consumo interno, de sotaque folclórico. Até a esplêndida Mercedes Sosa veio ao Brasil e, graças à sua presença de sucesso inesperado para os investidores do óbvio, eis um segundo disco da cantora na praça, o álbum duplo *Arte de Mercedes Sosa* (Fontana/Phonogram). São nada menos de 26 faixas, de autores fiéis ao folclore em seus gêneros regionais, adicionando-lhes uma poesia inflamada e envolvente. Ouçam-se as canções do assassinado chileno Victor Jara (*Te Recuerdo Amanda, Plegaria a un Labrador*), da chilena Violeta Parra, que se suicidou em circunstâncias misteriosas (*Gracias a la Vida, La Carta, Volver a los 17, Me Gustan los Estudiantes*). Também arrebatam a milonga *Los Hermanos*, de Ataulpa Yupanqui, e a *Cancion para un Niño en la Calle*, de Angel Ritro, baseada num fragmento do poema *Hay un Niño en la Calle*, de Tejada Gomes. Enfim, é a própria Mercedes, com sua voz limpa de emoção crua, quem torna ainda mais inexplicável a distancia que sempre nos separou de sua arte magistral.

Por outro lado a descoberta de Mercedes — e a edição deste duplo — foram facilitadas pela adesão, a seu repertório, da americana Joan Baez (*Gracias a la Vida, Te Recuerdo Amanda*), da brasileira Elis Regina (*Los Hermanos*) e do brasileiro Milton Nascimento (*Volver a los 17*). Mas, como evitar a surpresa

vadores europeus, como Jacques Brel e mais recentemente Georges Moustaki, Serrat conseguiu e equilibrar-se numa tortuosa carreira bilíngue e numa periclitante ponte-aérea entre Madri e Buenos Aires, conforme oscilavam as perseguições políticas à sua música em um e outro país. Este LP dedicado a Antônio Machado foi gravado nos estúdios da Fonit-Cetra de Milão e apenas as orquestrações (de Ricardo Miralles) soam excessivamente pesadas à agilidade do cantor e compositor que não dispensa, em sua arte saudavelmente panfletária, a ironia (*Parábola*) e o bom humor (*Las Moscas*).

OUTRO lançamento capaz de produzir inegável espanto é *Dedicado a América Latina* (RCA), com José Larraide, argentino, trovador típico do pampa gaúcho do outro lado da fronteira.

berto Gonzales Lobos) também varia de gênero, da *aguarela mejicana* (*El Sereno*) à *baguala* (*Los Cantores del Alba*), correndo pela fronteira da Argentina com o Chile, como denuncia a sintomática *chilena saítana La Cieneguena*. Mas o grupo vocal, acompanhado de seus próprios instrumentos típicos tem um estilo característico, que o derramado contrapista Juan Ribas não conseguiu vislumbrar em meio a tantos adjetivos usados para exaltá-lo: *Los Cantores del Alba no se Parecen a Nadie, Tal vez, ni a Ellos Mismos*". As contrapistas, por sinal, simbolizam o desamparo da ainda incipiente troca musical brasileiro-latino. Ou são palavras e vazias, prenes de loas aos focalizados, ou nada dizem, sequer de onde procede o artista, o que já fez, de quando é o disco.

atrações da noite carioca

DIVERSÃO SADIÁ — Só no Tivoli Park, na Lagoa, de 3a. a 6a., a partir das 16 hs., sábados das 15 hs., domingos e feriados das 10 da manhã. Brinquedos seguros e maravilhosos: auto-pista, *twister*-americano, roda-gigante, montanha russa, amor-express, Castelo das Bruxas, etc...

BRASIL IMPÉRIO — As festas na Corte eram, no segundo império, caracterizadas pela elegância dos cavalheiros e beleza das damas que delas participavam. Bem como pelos números incluídos nos programas: "No Tempo do Varal", "Dança Afro-Brasileira", matradados em "Brasil em Três Tempos", cantaz do Nacional Rio. Paula Ribes a frente do elenco.

PRATOS DA NOITE N.º 2 — Elos Soares, uma das maiores sambistas brasileiras, é a atração deste quinta-feira no Rincão Gaúcho da Tijuca: amanha, "Pery Ribeiro Especial" e "Musicalité"; sábado, "Bela das Noites"; domingo "Sara de Primavera". Boletim e direção de Expediente Feijão, República do mestre Jose Marinho. R. Marquês de Valença, 83.

BELEZA E FUNDAMENTAL — Plenamente engajado no esquema dos mais famosos *nighi-clubs* do mundo, o *Assyrius* destaca-se também pelo elenco de mulheres lindas que se apresentam em seus *shows* eróticos e relâmpagos de muito bom-gosto. Requite e atendimento perfeito. *Five to five*.

MR. SAMBA NA RODA VIVA — O showman Gasolina está comandando um dos mais alegres e animados espetáculos da noite, sob o título de "Banque and Samba Show", no salão nobre da churrascaria *Roda Viva* (na Praia Vermelha), de segunda a sábado, a partir das 22h30m. Passatas, ritmistas e milutas. Coreografia maravilhosa de Jurandir Palma (266-5045).

DESTAQUES — Hugo Barzer, presidente da Bolívia, fez o *Year Samba & Salsa*, como convidado de Ivan Gini. * Expositivo no Centro de Arte, do Everest Rio Hotel, o prof. Luiz Goulart, Promotor da SCAB. * Quem casa: Tarciso Dayer Moreira, d'O Pirata, com a jovem e bela Beatriz Tavares Paz, Mãe, em São Paulo. * Recomendado o "5 e Meia" no Casarão, com Elio Sperti, Leny Andrade, Jackson do Panduro, Pery Ribeiro e Herivelto Trio de Ouro. * O Feste & Fugle serve, todos os sábados, uma deliciosa Feijoadá Completa, com aperitivo. * Na Gaúcho de Lutarinos, lanche-dança animado pelo aspirante Gascano. Esci.

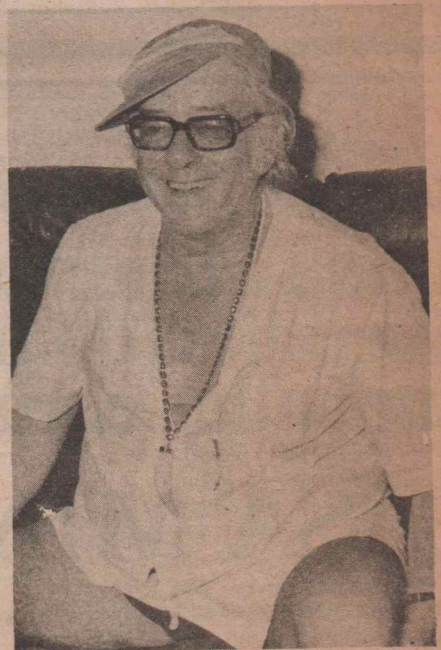
O poeta cronista

"Um ônibus é uma verdadeira guerra de nervos para um chofer. Em primeiro lugar, a mudança é geralmente colocada de modo a ocasionar torções musculares periódicas no ombro direito do pobre coitado (...) Tudo isso seca o coração de um homem. Pois se nós, grandes e pequenos burgueses, nos amolamos porque o café está frio ou o dia chuvoso, imagina então um chofer da Zona Sul, que transporta diariamente centenas de temperamentosos filhos-de-famílias e de grandes damas, que a propósito de água-vai acham-se ofendidos nos seus mais dourados privilégios".

O defensor dos motoristas de ônibus é Vinicius de Moraes, que assinava uma seção chamada "Crônica da Cidade" em "Diretrizes", onde abordava assuntos do dia-a-dia, problemas que afligiam o carioca. Sobre o relacionamento passageiro - motorista - trocador o poetinha dedicou uma série de artigos, num dos quais, de 15 de junho de 1945, atribuiu às mulheres uma parcela de culpa pela irritação crônica de alguns trocadores:

"As mulheres não são propriamente más passageiras no que se refere a recato e discrição. Mas quanto ao troco e às fichas são de matar. É rara a que escapa. Têm, também, eventualmente, uma espécie de exagero de pudor: não se pode nem encostar no vestido que elas estão olhando a pessoa com ar de descompostura grossa."

É, Vinicius, a tua sorte é que naquele tempo não existia o Women's Lib.



Vinicius: "Ufa! Escapei de boa!"

Vinicius

O PASQUIM

19 18 1971

JOÃO DE AQUINO, PITANGA & CARLOS NEGREIROS - Terreno Grande (MAM)

Tem gente preocupada com "as paredes da casa grande". Tem gente preocupada com o terreno grande. Fico com estes. Só a burrice e o mercantilismo da indústria do disco no Brasil é que retarda o reconhecimento do trabalho destes três artistas. Ah, tem outra coisa que atrapalha eles: não mentem. - (Roberto Moura).

GENTE DO CHORO - Odeon

Pixinguinha, Jacob do Bandolim, Abel Ferreira, Altamiro Carrilho, Déo Rian, Paulinho da Viola, Benedito Lacerda, Vinicius... táí, recebi hoje, ainda não ouvi mas recomendo no escuro - (Jaguar)

Vinicius

● A VOLTA (I)

Mesmo porque, se se botar os dois times em campo, de novo, pra revanche, vai ser outro banho. — (Ziraldo)

● ALIENADAS (I)

Gilberto Freire, em extensa entrevista (O Globo, 14/8) solta o novo brado de Apicucos: "Intelectuais provectoros, univos".

Nelson Rodrigues, citado nominalmente, já respondeu: "Estamos aí, nessa árdua luta, patrocinada pelo Unibanco, contra os cretinos fundamentais, inimigos do escrete, e contra os marxistas, inimigos do proletariado."

Mestre Drummond, também citado, não se pronunciou. E o poetinha Vinicius, não citado, repete na televisão, em comercial imobiliário: "Ipanema é fundamental."

Na Academia, um só problema preocupa os imortais: a súbita ameaça do matriarcado. Em Mangueira, outro intelectual provectoro, Cartola, imune às paixões que fervem na planície, compõe sambas sobre eletrodomésticos. Quanto a Nelson Cavaquinho, está naquela do Paulo Egídio sobre a "Carta aos Brasileiros": não leu e não gostou. — (Armindo Blanco)

● PIU MAL

Semana que passou, esta também, a tônica, o assunto que está marcando o mês de agosto é a volta ao Estado de Direito. Até o Commander está achando que é hora de mudar. Mas, vem o Ministro Jarbas "Words, Words, Words" Passarinho e diz lá que "Com presença, não!"

É engraçado como nossos homens públicos são despreparados para o poder. Eles continuam na escola primária, **brincandinho** de gente grande. Em Política, não existe **nem vem que não tem**. Em Política, conversa-se **sério**. Ou este país não está preparado para a seriedade? — (Ziraldo)

● CARTA

As cartas não mentem jamais. Refiro-me às do Tarot. — (Felix de Athayde)

● A VOLTA (II)

Tá certo: a gente tá perdendo por dez a zero, mas topa sem revanche. — (Ziraldo)

VOLTA AOS
QUARTEIS NÃO.
VOLTA AOS
CARTEIS!



DIÁRIO DA NOITE

19/8/77

Carlos Lyra em SP para dois «shows»

Carlos Lyra estará se apresentando, sozinho, hoje e amanhã, à meia noite, nas «Noites Especiais» do Teatro Célia Helena. Seu show tem como título uma das frases de uma das suas mais marcantes composições, «Marcha da Quarta Feira de Cinzas» feita em parceria com Vinicius de Moraes: «E no entanto, é preciso cantar». O espetáculo seguirá depois para o sul do país e Belo Horizonte.

Lyra, que esteve fora do país mais de dois anos, dedicando-se aos estudos da astrologia, cantará composições como «Minha Namorada», «Subdesenvolvido», «Feio Não é Bonito», «Quem Quiser Encontrar o Amor», «Velhos Tempos», e «Maria Ninguém», entre outras. Os ingressos estão à venda no Teatro Célia Helena, à rua Barão de Iguape nº 113. — Liberdade, e na Casa do Espectador, aos preços de Cr\$ 80,00 (inteira) e Cr\$ 60,00 (estudantes).

VINICIUS DE MORAES



Mira Fonseca, estréia no cinema numa co-produção franco-brasileira

"OS PASTORES DA NOITE"

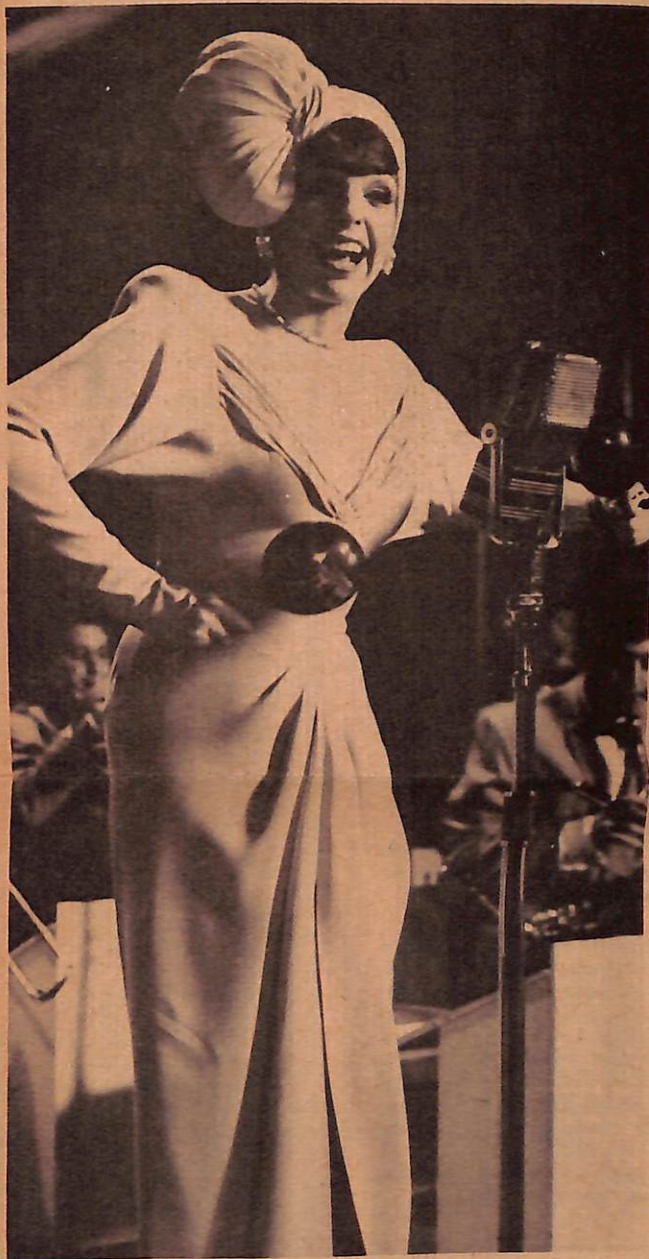
Cartão postal

★ Nos idos dos anos 50, o francês Marcel Camus veio até nós e, a partir de uma ópera (popular?) de Vinicius de Moraes, realizou o tão premiado Orfeu do Carnaval, onde o futebol, a macumba, o samba e suas escolas davam margem a um delírio de sentimentalismo populista e a uma gama de exotismo primário digno de pena. Vinte anos após, o mesmo Camus abandona a sua França natal e aporta na Bahia. Agora, em vez de uma ópera, um best-seller baiano escrito por Jorge Amado: Os Pastores da Noite. Mas a receita do suposto e esperado sucesso comercial europeu continuou a mesma: negros, mulatos, favela, macumba, e capoeira, vistos, lamentavelmente, pela ótica simplista e perigosa do exotismo e do populismo. Em ambas as experiências, uma mesma característica insuportável: a incompetência do diretor para as soluções cinematográficas mais simples, o mesmo aspecto de cartão postal mal fotografado e iluminado.

Marcos Ribas de Faria

Vinicius

TV Globo: projeto do MEC é muito radical



Rede Globo: "Imagem Liza Minelli cantando o Tico-Tico no Fubá..." Pois aí está

A vez dos músicos

O projeto elaborado pelo MEC, para ser baixado pela Presidência em forma de decreto-lei, atinge a televisão em vários de seus dispositivos em defesa da música popular brasileira:

- 1) Obriga a percentagem de 60% de música brasileira na programação musical, no horário de 7 às 24 horas.
- 2) A exigência é estendida às trilhas sonoras de novelas, sempre com 10% de música somente instrumental.
- 3) Reserva uma hora da programação diária para música ao vivo, com profissionais inscritos na Ordem.
- 4) Obriga o pagamento de direitos autorais, a músicos e artistas, pela retransmissão de gravações em videotape.
- 5) Exige a participação de músicos brasileiros nas apresentações de artistas e cantores estrangeiros.
- 6) Se não usar músicos brasileiros, obriga o artista estrangeiros a interpretar nossas composições.

TRATA-SE de uma legislação inaceitável pela sua inviabilidade. Inócua, porque inaplicável. E revela o desconhecimento do veículo televisão, pois o confunde com o rádio" - esta é a posição da Rede Globo a propósito do projeto que protege a música brasileira, manifestada oficialmente pelo assessor da Superintendência, Edwaldo Pacote.

Destaca o porta-voz que a emissora é a favor de todas as iniciativas em defesa da música brasileira, mas não concorda com a proposição elaborada pelo Ministério da Educação e Cultura e que será enviada à Presidência da República, em forma de decreto-lei.

"A televisão não toca música; quem toca é o rádio. E o projeto, evidentemente, foi inspirado na atuação dos rádios, que executam música como se fossem toca-discos. A televisão é diferente: apresenta e produz música, a fim de atender exigências específicas da programação, seja em função de um musical, uma novela ou um programa de variedades, como o Fantástico" - assinala Pacote.

Como exemplo, ele cita o programa **Globo de Ouro**, que se destina apenas a apresentar a seleção das músicas mais vendidas:

"Não podemos modificar tal relação, deturpando a verdade. Trata-se de uma parada de sucessos. Quem for mais vendido é executado. Não podemos fugir disso".

Em sua programação diária, a Rede Globo exhibe vários filmes produzidos no exterior, inclusive desenhos animados. E o assessor da Superintendência explica que, obviamente, a trilha sonora já vem pronta, com temas internacionais.

"Como mudá-los?" - indaga, acrescentando: "Em nossas produções, o uso de música incidental e de efeitos sonoplásticos deve obedecer às exigências do script, não podendo ser determinadas arbitrariamente. Essas músicas incidentais e sonoplásticas geralmente são compostas e interpretadas por artistas brasileiros. Mas nem sempre podemos utilizar músicas brasileiras. Como aproveitar um frevo como fundo musical a um velório?" - pergunta Pacote.

Além disso, acentua o porta-voz da emissora que há também os horários de programação especial, exibindo os chamados eventos: uma corrida automobilística, o retorno de Frank Sinatra aos palcos ou a entrega do Oscar.

"Como infiltrar música brasileira nesses eventos? E como estabelecer uma compensação, apresentando música brasileira em outros horários?" - questiona, declarando que

ambas as hipóteses são inviáveis. E lembra o **show** com Liza Minelli, inteiramente produzido pela Rede Globo, no Rio: "Teríamos de obrigá-la a cantar o 'Tico-Tico no Fubá'"

Edwaldo Pacote afirma que a Rede Globo já vem se antecipando, tanto quanto possível, na luta pela defesa da música brasileira. Todas as vinhetas, aberturas e encerramentos de programas produzidos pela Rede já utilizam músicas compostas e interpretadas por artistas nacionais.

"A defesa da cultura brasileira não pode implicar em segregacionismo da cultura mundial. Vejamos, por exemplo, a situação de um artista brasileiro que se apresenta no exterior, como Caymmi, Tom, Baden, Elis ou Roberto Carlos. Será que eles aceitariam, em outro país, exigências como estas?"

Sempre frisando que transmite a posição oficial da Rede Globo, o assessor da Superintendência diz que o setor de telejornalismo prestigia todos os **shows** e espetáculos apresentados por artistas brasileiros, mesmo os que não são contratados pela emissora e até os que se rebelam contra a organização, no caso de Chico Buarque.

"Mantemos também duas orquestras permanentes, uma com 33 e outra com 31 elementos, e temos sob contrato vários maestros, como Júlio Medaglia, Guto Graça Mello, Eduardo Lages, Guio de Moraes e Dory Caymmi. E, para fazer a trilha sonora das novelas, sempre são contratados grandes compositores, como Vinicius e Toquinho, Marcos Valle e outros. Mesmo os que nos criticam nunca foram sabotados".

Pacote destaca que, além disso, a Rede Globo já produz programas como o **Brasil Especial**, que mostra vida e obra de grandes compositores e intérpretes nacionais, do passado e do presente, valorizando sua bagagem cultural.

Quanto ao pagamento de direitos autorais a artistas e músicos, pela repetição de apresentações gravadas em videotape, explica o porta-voz da emissora:

"Ao contratar artista para gravar uma exibição, acertamos um cachê que já prevê um número determinado de reedições, e o projeto obrigará à mudança de sistema, com os artistas recebendo menos e aos poucos, somente quando o videotape for reexibido, o que às vezes ocorre com rara frequência".

"Ao nosso ver, a melhor maneira de proteger a música brasileira não é, certamente, a de complicar as atividades das emissoras" - conclui o assessor da Superintendência da Globo, frisando: "Esta é a palavra oficial da Rede".

JORNAL DOS SPORTS

20 / 8 / 77

* Quem acaba de assinar contrato com a Tupi é Carmem Monegal. No momento, ela está no vídeo em "O Espantalho", no Canal 11.

* Definitivamente acertado: a partir de terça-feira a linha de "shows" da Tupi começa a ser gravada na Urca, sob o comando de Maurício Sherman.

* Célia Coutinho, que estava afastada há alguns meses das gravações de "Planeta dos Homens", voltou a participar do programa esta semana.

* Na próxima semana, Roberto Carlos participará da primeira reunião sobre o seu "especial" para a programação do final de ano da Globo. Augusto César Vanucci, que dirigirá o programa, já iniciou reuniões com sua equipe, para a elaboração do esquema.

* Com o término das gravações de "Brasil Especial" — Vinicius de Moraes, que irá ao ar em setembro, a equipe de produção já começou a estudar as possibilidades de o programa de outubro focalizar Ismael Silva e a história do Estácio, bairro carioca onde surgiu a primeira Escola de Samba, a "Deixa Falar".

CIDINHA CAMPOS

VINICIUS

TRIBUNA DA IMPRENSA - RJ

20.8.77

◆ Embora pouco conhecido no Brasil, o grupo britânico *Sweet* tem atrás de si uma carreira com inúmeros sucessos. Formado no final dos anos 60, nas ondas do "heavy", o grupo é atualmente um dos mais populares conjuntos de "rock" da Europa e dos Estados Unidos, tendo vendido ao todo, desde 1971, cerca de 50 milhes de discos. O grupo está surgindo no Brasil através de um compacto com dois "rocks" da "pesada": "In to the night" e "Fever of love".

◆ No próximo mês a RGE-FERMATA completa 20 anos de sucesso. Para comemorar tão festiva data, a gravadora preparou um suplemento especial, intitulado "Série Aniversário", que começa a "pintar" na praça.

O primeiro da série é o álbum duplo de Maysa, que refina os grandes momentos da inesquecível cantora, com 28 músicas que foram os maiores êxitos de sua carreira. Mais cinco álbuns estão para sair, com os seguintes cantores: Erasmo Carlos, Agostinho dos Santos, Simonetti, Miltoninho e a dupla Toquinho & Vinicius.

RAPIDINHAS: O sambista Luis Carlos volta com força total aos estúdios a fim de gravar um CD a ser lançado em outubro (RGE). *** Depois de emplacar nas paradas com a música "Sahke, Shake, Shake", os críticos norte-americanos afirmam que 77 é o ano de K. C. and Shunshine Band. *** Pronto para ser lançado o elepê de Elis Regina, produzido por Cesar Camargo Mariano. Foi batizado de "Elis". *** Aproveitando a estada de Ray Connif no Brasil, acaba de ser lançado uma série de quatro LPs com os seus maiores êxitos de todos os tempos.

◆ Notícias para esta página: Av. Passos, 122 — sala. 1403.

Vater Brunner

VINICIUS

FOLHA DE S. PAULO

201 8 177

Toca disco

Ele morreu: aí tocaram seus discos de novo

Quando Agostinho surgiu, há 20 anos, tinha um jeito muito próprio de cantar, ondulando a voz e foi assim que o Brasil tomou conhecimento dele, com uma versão de My Little One, Meu Benzinho. Mais tarde, viria realmente encantar todo mundo com duas músicas no filme Orfeu Negro, uma produção francesa rodada no Rio: Manhã de Carnaval (Bonfá e Antônio Maria) e A Felicidade (Jobim-Vinícius). Foi um grande período de sucessos que durou até o surgimento do ié-ié-ié e Agostinho foi uma das vítimas do mercado inclinado para a chamada música jovem. Para conseguir uma mera apresentação na televisão, no final dos anos 60 era uma enorme dificuldade. Quando, inclusive, já em 73, pegou o avião para

a Europa para se apresentar num festival, tinha a grande esperança e, ao voltar, conseguir ser notado outra vez pelos programadores de televisão e discos. Infelizmente, aquela foi sua última viagem. E, no dia de sua morte, as rádios tocaram, sem parar, as suas antigas gravações, enquanto locutores se sucediam em despedidas piegas.

Este LP da série 20 anos da RGE é uma boa seleção do bom Agostinho, com 14 faixas. Mas fico pensando: se ele não tivesse morrido, teria este disco-homenagem? Será que iriam ligar para um rapaz que teve seus grandes momentos mas que ultimamente já não vendia discos e raramente aparecia na televisão? Ouça o disco e lembre — com saudade — de Agostinho: Meu Benzinho (Howa-Gussim-Caubi de Brito, com declamação de Walter Forster), Estrada do Sol (Jobim-Dolores Duran), Manhã de Carnaval (Bonfá-Maria), Nossos Momentos (Haroldo Barbosa-Luis Reis), Balada Triste (Dalton Vogeler-Esdras Silva), Amor Em

AGOSTINHO DOS SANTOS



Paz (Jobim-Vinícius), Chora Tua Tristeza (Oscar Castro Neves-Luercy Fiorini), A Felicidade (Jobim-Vinícius), Dindi (Jobim-Aloysio de Oliveira), Samba em Prelúdio (Vinícius-Baden), Não Tem Solução (Caymmi-Carlos Guinle), Primavera (Carlos Lyra-Vinícius), Canção da Volta (Ismael Neto-Antonio Maria) e Onde Está Você (Neves-Fiorini). — DIRCEU SOARES

VINÍCIUS

Luís Carlos Vinhas

prepara um Lp, volta à noite carioca e faz projetos novos

Após um aparente ostracismo de cinco anos, o pianista e compositor Luís Carlos Vinhas está novamente em evidência na noite carioca. A partir de junho, voltou a reunir em torno de seu piano, em uma buete do Leblon, o público que o acompanha desde a época da Bossa Nova. Já tem pronto um novo Lp, o qual, computando apenas os que fez com seus conjuntos ou alguns cantores — aqui e no exterior — é o 19º de sua carreira.

Além disso, junto com Chico Feitosa e Roberto Menescal, tem participado de sessões de Bossa Nova na casa de Ronaldo Boscoli, seu parceiro e um dos nomes de prestígio do movimento. Tais sessões são uma espécie de balão de ensaio para futuros espetáculos abertos ao público. Para ele, o momento é mais do que propício, pois "passada a febre dos festivais e do dia 6, já, chegou a hora das pessoas se encontrarem, pois desses encontros saem coisas importantes para a MPB".



Luís Carlos Vinhas, a volta à noite

O apartamento fica numa rua tranqüila de Copacabana. No fundo da sala, um toca-discos se destaca entre duas pilhas de discos. Uma delas, de música estrangeira, é bem menor do que a de música brasileira, na qual os 18 discos do pianista têm posição de destaque. Luís Carlos está ao lado de Sylvinha, que nos últimos 15 anos passou por vários estágios na vida do artista: foi sua fã na época do Beco das Garrafas, sua noiva, mulher, ex-mulher e mulher novamente, pois após um desquite há cinco anos, reconciliaram-se há pouco tempo e agora partem para o que se convencionou chamar de segunda lua-de-mel. Como a reconciliação é recente, nota-se na sala a ausência do piano, que Luís Carlos ainda não teve tempo de levar.

Previdente, mesmo no período da separação, Sylvinha não se desfez das caixas, contendo tudo sobre a vida do marido. Guarda umas 300 cartas trocadas entre os dois, quando Luís Carlos esteve nos EUA e no México. São cartas longas, de cinco, seis laudas e nas quais ele a chama de "Patinha" e se preocupa às vezes com problemas comuns, como pagamento de dívidas e pedido de uma certidão de nascimento. Em outra caixa estão recortes de jornais e revistas nacionais e estrangeiros, além de convites e programas de shows feitos por Luís Carlos. Juntos, estão também os tradicionais álbuns de família, mostrando cenas do casamento em 1964 e de André Luis, o filho de 12 anos de idade, que ao entrar na sala é motivo de brincadeiras.

— Esse aí, diz Sylvinha, diz que é gênio. O Boscoli foi falar que ele é gênio e há dois dias que ele não vai ao colégio. Acha que gênio não precisa estudar.

Luís Carlos começa falando sobre a noite carioca, que para ele vai recuperando o antigo movimento, tanto assim que os músicos aparecem onde os colegas estão trabalhando, se visitam e começam a surgir projetos. No momento, o entusiasmo dos antigos bossanovistas e pela possibilidade de se unirem novamente, em espetáculos que relembram a fase de ouro do movimento. Luís Carlos vai contando.

— A ideia foi do Boscoli. Há umas duas semanas ele apanhou o Chico Feitosa e me chamou para um encontro de Bossa Nova em sua casa. Na semana seguinte, conseguiu a proeza de levar o Roberto Menescal, que nunca sai de casa. O Tom Jobim já prometeu ir e se a coisa engrenar, muita novidade pode sair daí, pois a Bossa Nova foi um movimento de gente jovem, que ganhou a simpatia da Velha Guarda do samba.

Os mais velhos respeitavam

aqueles jovens

O tempo passou, os jovens que naquela época tinham pouco mais de 17 anos tornaram-se famosos, mas segundo Luís Carlos, desde o início tiveram o respeito dos mais velhos. Considera um privilégio que Monsueto — "um ano de dois metros de altura" — ficasse no Beco até as 8 horas da manhã, ouvindo e ajudando as sessões de Bossa Nova. E como um filme, os personagens vão surgindo: Pixinguinha, Caymmi — "o pai de todos nós" — Antonio Maria, Sérgio Porto — quem batizou o movimento — Simonal e Elis Regina — "roubados ao barão von Stuekart" — Sérgio Mendes, Tom, Menescal e João Donato, o primeiro a ir embora e com quem Luís Carlos aprendeu a tocar piano. Além de João Gilberto, o eterno "desligado" do qual ele conta um interessante caso:

— O João precisava se apresentar num show e não tinha roupa. O Boscoli tinha um terno de terno inglês, o João dava uns dois dele e tanto insistiu que acabou levando

Bossa nova e samba, cantado no carnaval

Luís Carlos diz que procurou fazer um disco com músicas que nos últimos anos passaram de pai para filho, escolhidas entre a produção dos mais importantes compositores brasileiros. Chico Buarque está presente com "Quem será" e "Chorinho" (parceria com Francis Hime) e Caetano Veloso com "Irene" e "Alegria, alegria". Outro que comparece com duas músicas é Jorge Ben: "Fio Maravilha" e "Chica da Silva". Há

o terno emprestado. As mangas do paletó ficavam mais ou menos na altura dos cotovelos do João, mas ele foi assim mesmo fazer o show. O que eu sei e que o terno foi devolvido tempos depois, em frangalhos.

Vinicius de Moraes e Carlos Lyra são outros nomes que Luís Carlos diz não poder esquecer, assim como o de Flavio Ramos, dono do "Au Bon Gourmet", onde ele fez seu primeiro show, logo após voltar dos EUA, com Lennie Dale.

— Foi quando começaram a surgir os "pocket shows", uma fase seriíssima da MPB. O Flavio se arriscava até a perder dinheiro, mas queria prestigiar a nossa música. E não perdeu dinheiro, pois o show foi um sucesso. Houve outros shows importantes e graças à criatividade do Boscoli, às vezes eles eram montados em poucos minutos, como aconteceu no "Porão 73", tendo o Micle como "show-man" e a participação do "Gemini 5".

O "Gemini 5" era um trio com som de banda, formado por Luís Carlos (piano), Otávio (contra-baixo) e Ronei (bateria). Vocais: Peri Ribeiro e Leny Andrade. Exibiu-se no Rio durante um ano, depois foi para o México, onde ficou três anos. Da experiência mexicana, ele tem também uma lembrança, que gostaria de ver aplicada aqui.

— A gente fazia shows em praça pública, até para cinco mil pessoas. Acho que seria interessante tentar esse tipo de coisa no Rio, pois nem todos podem frequentar boate ou pagar ingresso caro em teatro, para ver seus artistas prediletos.

ainda sambas de enredo como "Brasil, berço dos imigrantes", de Roberto Ribeiro e Jorge Lucas e "Domingo", de Aurinho da Ilha e Iran do Nascimento. Foram temas de sambas da Imperio Serrano e União da Ilha, cantados na avenida no carnaval passado.

Entre esse Lp e o primeiro, do qual Luís Carlos participou, são decorridos 23 anos, pois foi em 1954, aos 15 anos de idade, que ele começou a tocar no conjunto "Os Butantans e seus cobrinhas". O conjunto começou sem pretensões comerciais, mas após ser batizado por Ronaldo Boscoli, gravou seu primeiro disco na Odeon, levado por Aloisio de Oliveira. No violão estava Menescal, 20 anos de idade, o mais velho e organizado da turma. Os outros integrantes eram: Bill Horne (piston), João Mário (bateria) e Henrique (contrabaixo). Se nesses 23 anos o compasso da Bossa Nova marcou o estilo do pianista, nem por isso pode-se dizer que ele deixou o samba de lado.

20/8/77

Balanço

■ O especialista em assuntos trabalhistas da Universidade da Pensilvânia (nos Estados Unidos), **Bernard Anderson**, é de opinião que «em relação ao seu País, a taxa de desemprego no Brasil é muito menor, sendo no entanto muito alto o índice de subempregos em todos os setores da economia brasileira». Acho que este dilema só pode ser solucionado através de um programa de incentivo dos ensinamentos profissionalizantes. ■ **Anderson**, que assessorou **Jimmy Carter** durante sua campanha pela presidência dos Estados Unidos, está em visita ao Brasil, em caráter extra-oficial. Na segunda-feira, em São Paulo, ele faz uma série de palestras abordando aspectos sócio-econômicos do nosso País e dos Estados Unidos. ■ Depois de afirmar que o trabalhador brasileiro é muito mal remunerado, e que isso se deve principalmente à falta de especialização, o especialista técnico norte-americano lembrou que, no seu País, também existe um salário mínimo, sendo, no entanto, muito poucos os que vivem dele realmente. ■ Ele explicou também que a especialização obtida com o ensino profissionalizante permite que haja acordos entre patrões e empregados para melhor remuneração. Frisou ainda que organismos como o SENAC e o SENAI, além da Fundação Getúlio Vargas, «os três muito conhecidos nos Estados Unidos, poderão contribuir para eliminar a existência de subempregos no Brasil. ■ A Rua Senado está interdida desde o primeiro minuto de ontem, trecho compreendido entre as Ruas do Lavradio e Pedro I. A pedido da Light, que está fazendo obras por ali. ■ Cerca de 100 homens da Comlurb, para quem chegou ontem é o nome daquela empresa que tem um Palácio no Estádio e explora a cobrança da taxa do lixo — teriam sido mobilizados ontem para a tarefa de retirar grandes quantidades de areia atiradas pelos ventos que assolaram a orla marítima da Zona Sul, desgraçando, principalmente, a Avenida Delfim Moreira, e a Avenida Vieira Souto. ■ Aproveitando a notícia da areia na Zona Sul, os dirigentes do Pa-

lácio do Lixo informam o seguinte: «os contribuintes, porventura (a Comlurb adora a palavra porventura) em atraso com o pagamento da taxa do lixo, no exercício de 1976. «podem» se beneficiar da cobrança amigável até o dia 31 próximo.» O doutor da Comluro vai comer hoje no almoço com as estrelas, oportunidade em que aproveitará, entre um fié e outro bom bocado, para explicar direito esse negócio de cobrança amigável. ■ Como dizia **Lima Barreto**: não existe cobrança amigável. Ou é cobrança ou é amigável. Em tempo. **Lima Barreto** é um grande escritor. O trabalhador de novelas é **Lima Duarte**, que não escreve mas decora e não demora. ■ **Carlos Rodrigues de Carvalho**, presidente da Cobra — Companhia de Computadores Brasileiros também marca a sua data: em 1982, se tudo correr bem, o Brasil terá know-how (leia nourráu) para produzir computadores e exportá-los, com tecnologia própria. Até lá, pelo que se depreende, só vai dar IBM, National, esses nomes complicados. ■ Se não chover... se não ventar... se tudo correr bem... «mais um» show popular será feito amanhã na Lapa, embaixo dos Arcos, com a apresentação de nomes relativamente conhecidos da música popular brasileira. Entre estes nomes relativos, **Herivelto Martins**, **Trio de Ouro**, **Mão de Vaca**, **Monarco da Portela** e o conhecido conjunto «Bandoia», que tem um violão de respeito, cujo responsável creio chamar-se **Cláudio Jorge**, ou **Claudio**, uma coisa assim. ■ Uma adutora que leva água da estação de tratamento de Acari para o reservatório do Pedregulho estourou em Benfica. Várias casas foram inundadas. Uma fábrica também foi seriamente atingida. Os prejuízos são grandes. CEDAE no local com bombas e escavadeiras vê como estancar a água e drenar a região. ■ **Vinicius de Moraes** com especial na televisão. Vai contar tudo de novo. Na pauta, **Carlinhos Lira**, **Baden Powell**, **Tom Jobim**, **Minha Namorada**, E no entanto é preciso cantar aquela legua-lingua antiga.

Vivir eus

VEICULO Alfa da manô CIDADE Porto Alegre
ESTADO A. G. Sul DATA 13 / 8 / 77
COLUNISTA _____

DA ÉTICA DE CORTAR

Wanderley Soares

Os problemas que 105 milhões de brasileiros (cinco milhões não causam problemas) estão gerando para o Brasil motivam o que Toquinho e Vinicius chamariam de soluções monumentais. E uma das soluções é a de impedir o nascimento de novos brasileiros. E como o custo de vida está cada vez mais alto, é natural que os brasileiros entendam que, em verdade, viver é inviável, segundo a expressão marmórea dos números. Eis que, se os vivos entenderem que a morte é mais viável e, simultaneamente, se tome providências para que apenas uma minoria venha à luz, teremos a solução de todos os problemas. Quem viver verá.

Seguindo essa filosofia, fala-se na distribuição indiscriminada de pilulas anticoncepcionais. Há quem diga ser a pilula cancerígena. Mas, afinal, a mesma acusação é feita contra o cigarro que é sempre consumido

em escala bem maior e a população continua crescendo. E tem mais: se as pilulas além de evitar nascimentos ainda contribuírem para um discreto aumento da mortalidade, os objetivos estarão sendo alcançados. O importante é que ocorra uma redução na fonte dos problemas, que é a população.

Diante da confusão reinante, Sandra Cavalcanti, deputada estadual no Rio, também resolveu tirar a sua casquinha. Ela apela para a generosidade masculina sugerindo que os vigorosos brasileiros se submetam a vasectomia, que é a esterilização cirúrgica. Numa interpretação simplista, a vasectomia corresponde ao bloqueio do vaso condutor do sêmen.

Dona Sandra Cavalcanti, para combater a pilula, sugere a mutilação do homem. Com isso ela tem a pretensão de cortar o mal pela

raiz. E Sandra deve ter uma visão aprofundada do problema, pois ela foi a primeira presidente do Banco Nacional de Habitação. Inevitavelmente ela deve ter ficado sabendo que existem menos casas do que famílias neste País. Agora, como legisladora, descobriu a solução: diminuir o número de famílias. Repete Sandra a história de um administrador que ficou horrorizado com o número de mendigos sob os viadutos e tomou uma decisão: não construir mais viadutos.

Mas, para estabelecer ampla seriedade ao seu argumento, Sandra disse judiciosamente sobre a vasectomia: «O método é eticamente tão correto que até a Igreja Católica já se manifestou a favor».

Ora, pela Igreja falam os padres e, com todo o respeito que merecem, estou convicto de que só aqueles que usam podem opinar se é ético cortar ou deixar como está.

edifício

Vinicius d'Ipanema

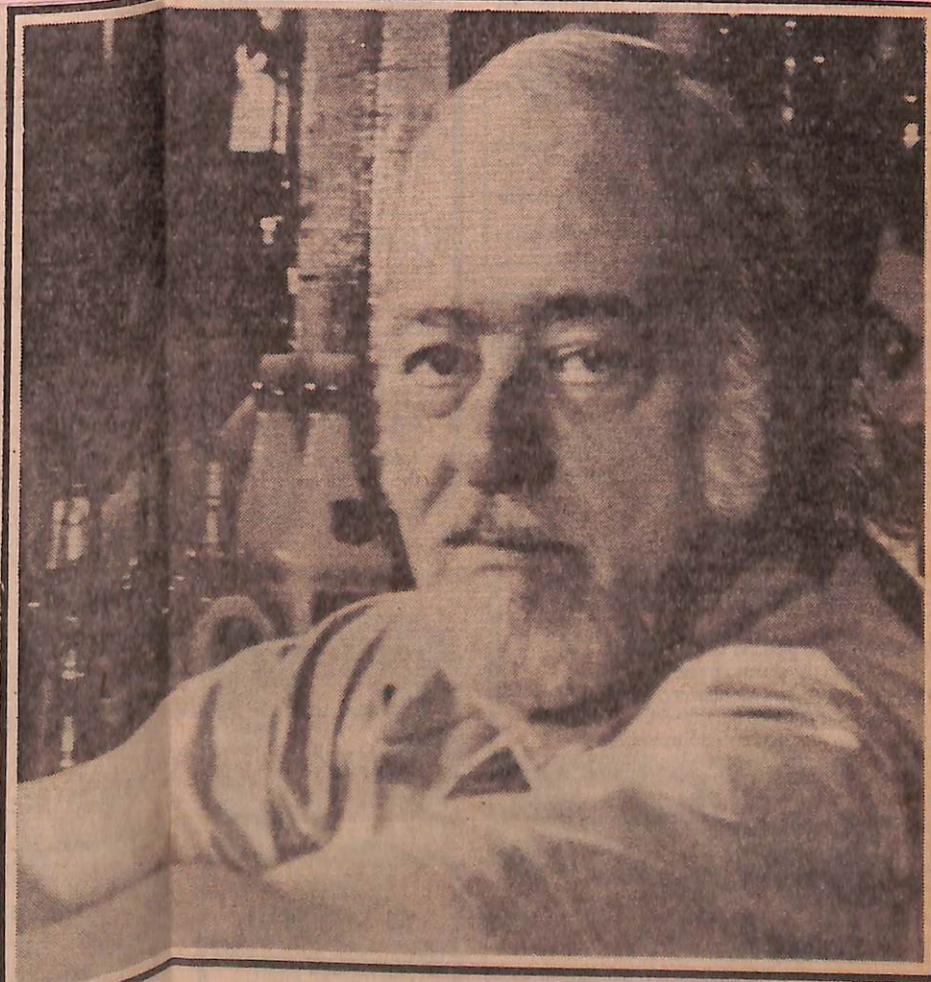
Rua Jangadeiros, 37

(Ao lado da Pça. Gal. Osório)

obra já iniciada

**APENAS 7 PAVIMENTOS
COM 2 APTOS. POR ANDAR
TODOS DE FRENTE**

Prédio com acabamento de alto luxo.
Fachada em alumínio e vidros fumée.
Hall social em mármore e vidros Blindex.
2 elevadores. Play-ground.



Os bairristas que me perdoem
mas...

Ipanema é fundamental

2 SALAS, SEPARADAS, 3 QUARTOS (1 suite)
Salas em tábua corrida, quartos atapetados.

2 BANHEIROS SOCIAIS

Com azulejos decorados até o teto.

Ampla copa-cozinha

toda em fôrmica

2 VAGAS NA GARAGEM

e ótimas dependências de serviço e empregada.

Sinal..... 65.400,

Escritura..... 152.600, (facilitados)

Mensais..... 13.080, (fixas até as chaves)

Financiamento direto da Construtora em 60 meses

Podendo comprar mesmo sendo proprietário, sem
necessidade de comprovação de renda.

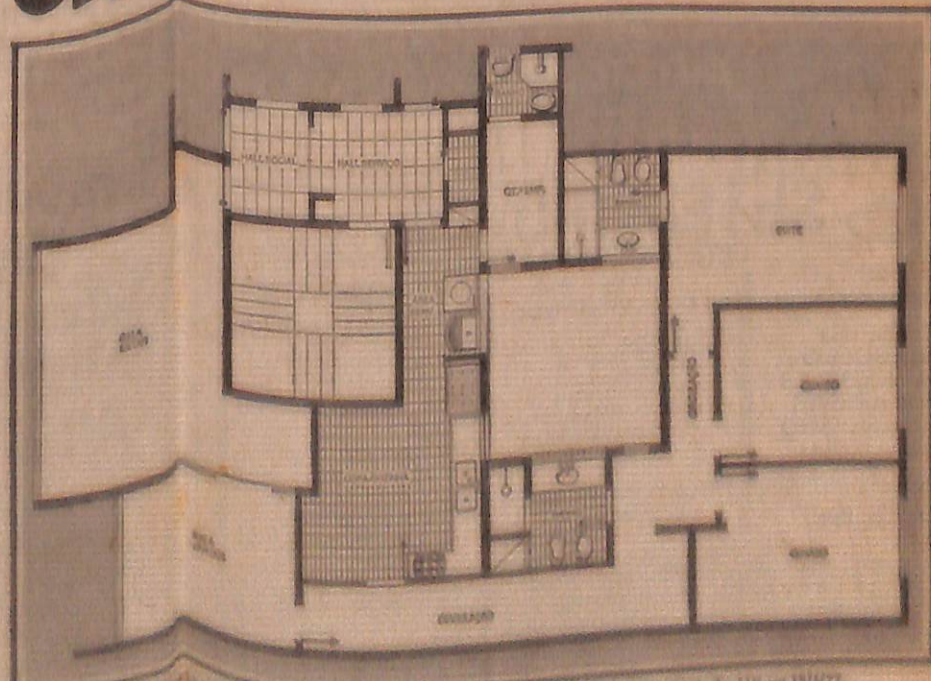
Incorporação, Construção e Vendas

REVIL S.A.

Rua Raul Pompéia, 91-A - tels.: 227-0133 e 267-3569

Corretor Responsável: MILTON L. BASTOS - Creci 577

CORRETORES NO LOCAL DE 9 ÀS 22 HORAS



Memo. de Insp. inscrito no Cart. do 2º Ofício de Registro de Imóveis, nº 0.161, Livro 2A-1, fl. 118 em 15/11/77.